



[Ilustratio I]

CADERNO DAS NASCENTES E VERTENTES

MARA ROMARO

“

Um dia Qualquer

Um dia comum como outro qualquer para uma pessoa qualquer em um lugar comum, que pudesse ter o dia inteiro preenchido das suas maiores faltas sem o tanto vazio incomum, nem tantas indefinições. Um dia apenas sem nascer nem morrer nem viver, apenas estar só sem nenhuma das farpas e suas dores, nem seu suor, seu tremor, seus lapsos ou suas falhas.

Um dia nenhum, com algum modo de ver ainda pelos seus olhos, as cores do passado, os brilhos da água, névoa do vento, para uma pessoa nenhuma indefinida e inexistente. Um dia que o silenciar tange as nuvens, as mariposas, os papagaios, a trilha da formiga e o fogo se congela. Um dia comum no mundo incompreensível e a vida assassina a pessoa qualquer em um beco qualquer, longe de tudo neste tempo vulgar.

”

Mara - 03 dezembro 2015

TEXTUAL

Caderno das Nascentes e Vertentes	2
Agradecimentos	4
Caleidoscópio de Sabores	5
Nascente	6
Deixa um pedacinho de bolo prá mim.....	7
Vastidão do Mar	9
Uma viagem inesperada nas Serras Verdes de Minas	10
Estrada Adentro	18
Boca Mordida de Pêssego	19
Correndo em meus passos	20
Diferente	21
Tempo de se preparar	23
Sentimento incompreensível	24
Em meu diário	25
Tempestade.....	26
Ao firmamento.....	27
As Roseiras	29
Eu queria uma palavra e mais outras.....	30
Um tempo pra nós dois	31
Projeções.....	31
Vespa.....	32
Amava-me	33
Chá ao amanhecer.....	35
Prefirolesa de creme de baunilha e doce de laranja.....	36
Desejo.....	37
Boca	38
Mergulho cego.....	41
Lábios	43
Lábio cor de amora.....	43
Lábio de Champagne	43
Visível	45
Amava-te	46
Diálogo interno.....	47
Sinto-me Estranha.....	48
Olhos que se	49
De verdade.....	51
Longínquo	51
Silêncio	53
Amor.....	54
Inverso	55
Por agora.....	56
Illustratio	59
Ilustrações Capitulares:	59
Pela autora.....	59

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos,

Ao cotidiano

Aos meus tempos de diário que motivou tanto a minha escrita

À F

Ao meu esposo

Aos entes que inspiraram textos Aloísio, Dona Lourdes

Localidades de Atibaia, o lago da Cooperativa Agrícola Sul Brasil – especial vista do Itapetinga que originou a capa, local extinto e privativo em vias de loteamento. Giovanna pelas fotografias de ilustrações.

CALEIDOSCÓPIO DE SABORES

| 24 SETEMBRO 2015 | 13:50 | QUASE PERDI AS PALAVRAS POR TRÊS INTERRUPÇÕES. NEM SEI QUE MÚSICA. SEGUREI COM UNHAS DE FELINO ATIÇADO E BRAVO PARA NÃO PERDER ESSE FIO DE MEADA QUE QUERIA ESCREVER

Sabor de acordar

parece o sabor de amar.

Quando você pensa que já sabe o gosto de tudo

sempre aparecem novos vapores.

Eu gostava de azeitona.

Encontrava tranquilidade em tomates.

Achava que nada poderia ser melhor,

até experimentar...

Mãe sempre conseguia colocar magia naquilo que fazia.

Eu pensava que amizade parecia com pudim de *num* sei o quê.

Que os tropeços engraçados de uma amizade se pareciam àquela bala em pó de estalinho,

que um namoro de criança se parecia com guaraná.

Uma brincadeira de roda, amarelinha eram pirulitos de framboesa.

De repente, quando adolescente, pude entender a profundidade de um chocolate.

Esse era o sabor da felicidade. Nada poderia ser melhor.

Mas então, quando conheci sorvete, principalmente aqueles sorvetes de morango,

em casquinhas de cinema de matinê...

Um chá era canção de ninar mais predileta que eu tinha. Eu sonhava com anjos.

Enquanto mamãe amassava os ingredientes do pão de minuto,

seu amor diminuto estava em mim, em todo aquele aroma

adocicado da baunilha.

Nada mais sincero que uma baunilha.

Nos dias de infância tinha arroz doce, com a incrível intromissão da canela.

A janela aberta, com o vento sacudindo as abas da cortina,

o aroma do pêssego em calda de mamãe. Era um painel imenso.

Quando passei um tempo com minhas nêspersas, enquanto eu as despia,

lembrava mamãe descascando os pêssegos.

Nunca pude entender os pêssegos.

E passava gritante a pamonha. Essa eu conheço de perto e de longa molenga data.

Mas, encontrei o amor, sabores mais ácidos, mais amargos, intensos. Sabores vermelhos.

Nem sei qual o descreve melhor.

Então, eu conversei com maçãs, a opinião delas era tenuemente adocicada.

Mas queria mesmo uma entrevista com a pimenta vermelha. Essa passava intensa e efêmera,
ardia e esquecia logo depois. O *rocoto relleno* era quase, mas não tanto.
Não podia traduzir o beijo.
Que temperatura era aquilo?
Então, conheci a cereja, mas ela era pequena e rápida.
Tive que esperar, sentir todos os aromas e vida se cozinhando em almoços e jantares desencontrados.
Por fim, achei a receita. Sim, aquilo era receita. Com principal e coadjuvante.
Contrastante sabor.
Mal pude esperar o natal de experimentar.
O aroma se levantava como alma dançante sobre o fogão,
a fervura era linda que se fazia esquecer a labuta.
Lá na geladeira o pudim alemão, carinhoso como cetim gelado nos dias de calor.
Mas a cor rubra da pele essa se intensificava na pele destemida de cada pera imersa naquela calda, vermelha
intensa, com a consistência de calda antes de se formar uma geleia.
Aqueles peras em vinho sim, aquilo sim podia dizer profunda e verdadeiramente o sabor do beijo de amor.
Eu penso e sinto isso, cada vez me lembro e esse gosto invade minha pele, ela se aquece e se torna asas.
As paredes se abraçam, acendem em pequenos candelabros, inebriantes luzes de vinho tinto diluído em cor de
groselha.

NASCENTE

| 11 NOVEMBRO 15 10:01 | FIRMA | MÚSICA: APPALACHIAN SPRINGS - THE VERVE E LULLABY-NICKELBACK

Ah este rio é tão misterioso
A nascente é tão inocente
As borbulhas são quase inaudíveis
Limpidez serena e borboletas pousadas
Elas dançam suas asas como se agitassem sedas coloridas
A chuva não tão delicada quanto o vento
Ela esculpe com facas rugas no olhar da vida
As planícies escondem suas intenções na turbulência
De águas perigosas que insistem em te levar
A vida não te concede as mãos que você precisa
A vida nem te conhece as dores das asas que te arrancaram
Sonhos em plumas de sementes e polens arrastados com o vento

Nada nos pertence
Nem mesmo nosso olhar criança

Às vezes meus cabelos parecem que são tocados e arrumados com as mãos do vento
Penso que é minha mãe o travesseiro que abraço
Penso que uno os sorrisos em alguma esquina de gente simples
Nenhuma coisa pode me abastar
E a falta das pessoas que amo

São as águas profundas e revoltas da minha vida
Em algum canto da correnteza do tempo
Haverá uma serenidade para boiar olhando para o céu magnífico de luz
São as vozes dos filhos que surgem em lembranças das minhas gestações de amores
Onde existe acolhimento
Somente em um olhar bondoso posso me sentir protegida
Dos ventos e das torrenciais chuvas.

DEIXA UM PEDACINHO DE BOLO PRÁ MIM

| 28 OUTUBRO 2015 17:33 | LOCUS: FIRMA | MÚSICA: DEM HIMMEL SO NAH – UNHEILIG

Enquanto vim, não deixei de viver a poesia
Uma pausa para dor de estômago e para o café
Não sei se a poesia me devora, ou se eu
que me alimento dela.

Páginas de diário de um jornal
Imaginário
Com manchetes de reais sonhos realizados
Um pedacinho do pudim de tempo
calda de cortesia
enquanto converso com estranhos.

Escrevo um erro, que nunca vejo enquanto releio
uma mão balança a rede
para as crianças que nunca vi

Risos sinceros alegram minha face
Uma piada, um pão por favor
padaria da esquina da vida
Uma senhora olha no olho,

gente como a gente.

Hoje não tem vento, nem raios
Irei tomar o vento e ver as nuvens antes de chegar em casa
A poesia que me vive? Ou seria que erro tanto quanto pelo
leite derramado que não li?
Veja você, seus olhos podem ir além do meu voar
uma prece silenciosa
saudade brandiu pulso no meu peito
suspiros dourando no forno
Água chiando na chaleira

Nas calçadas por aí
esbarro na distração alheia
Os problemas ainda estão ali
Mas a porta que olho é a de casa de mãe
Nossa, onde estão meus filhos agora?
Ai anjinho! Olhe eles por mim...
Uma maçã... será que ela estará como minhas rosinhas?
Poesia, ela espera em você, sim nesse momento que sua boca
à espera chegar.

Poesia arranca um olhar diferente e
Pronto
Me sinto melhor! Estamos dentro do mesmo sonho
Um trem que viaja, os vagões são nuvens cor de rosa
O vento bate nossa cara
Pingos de água
A moto passa em um buraco
Acorda prá vida!
Tem muito que fazer
Coe o café, por favor e...
Adoce com amor

VERSO DA FOLHA – DEIXA UM PEDACINHO DE BOLO PARA MIM
FRAGMENTOS, PALAVRAS, COISAS QUE SE PASSARAM POR MEUS MOMENTOS.

AS COISAS AMARGAS E RÍSPIDAS, A REALIDADE. EU ABRIA UMAS FOTOS E VIA COM ADMIRAÇÃO AS ALEGRIAS DOS ANOS PASSADOS, AINDA QUANDO MAMÃE ESTAVA CONOSCO.
EU VIA TUDO QUE ERA DIFERENTE, OLHAVA PRO AGORA...
EU DEGUSTAVA UMA BEBIDA E DAVA PRÁ ALMA, AFOGAVA UMA SAUDADE BRUTA.
AROMAS E SABORES TODOS INEBRIANTES EM ALEGRIAS FUGAZES.
AO MESMO TEMPO UMA DOR PROFUNDA DE LEMBRANÇAS, VINHA ESCRITA EM LÁGRIMAS SUFOCANTES.
DROGA, ONDE ESTÃO OS QUERIDOS PERSONAGENS DESSA PEÇA INFANTIL? EU NUNCA DECORO O TEXTO. NUNCA FAÇO CAFÉ IGUAL AO OUTRO E SEMPRE ME PROMETO ESTAR COM MAMÃE NO CORAÇÃO PARA DAR VIDA ÀS RECEITAS. ELA FICA COMIGO E MOMENTOS DEPOIS ME DEPRIMO DE SUA AUSÊNCIA.
A LUZ DA LÂMPADA QUE SE ACENDE, O DESENHO QUE DEMORO DÉCADAS A FAZER, AS PALAVRAS QUE NÃO CONSEGUIM E AS MEMÓRIAS QUE NÃO CONSIGO CONTER...
PARA MEU CORAÇÃO AGORA, TEM SIDO DIFÍCIL ADOÇAR COM AMOR.

VASTIDÃO DO MAR

| 16 OUTUBRO 2015 10:09 | UMA IMAGEM DO MAR, ONDE DUAS PESSOAS SOBREVOAVAM SUSPENSAS EM UM MOMENTO, ERA UM TOM DO AZUL INFINITO.

Não pude deixar de observar
Que o amor era grande e profundo
Se perdia com o mar ao fundo
Tinha um olhar corriqueiro de amar

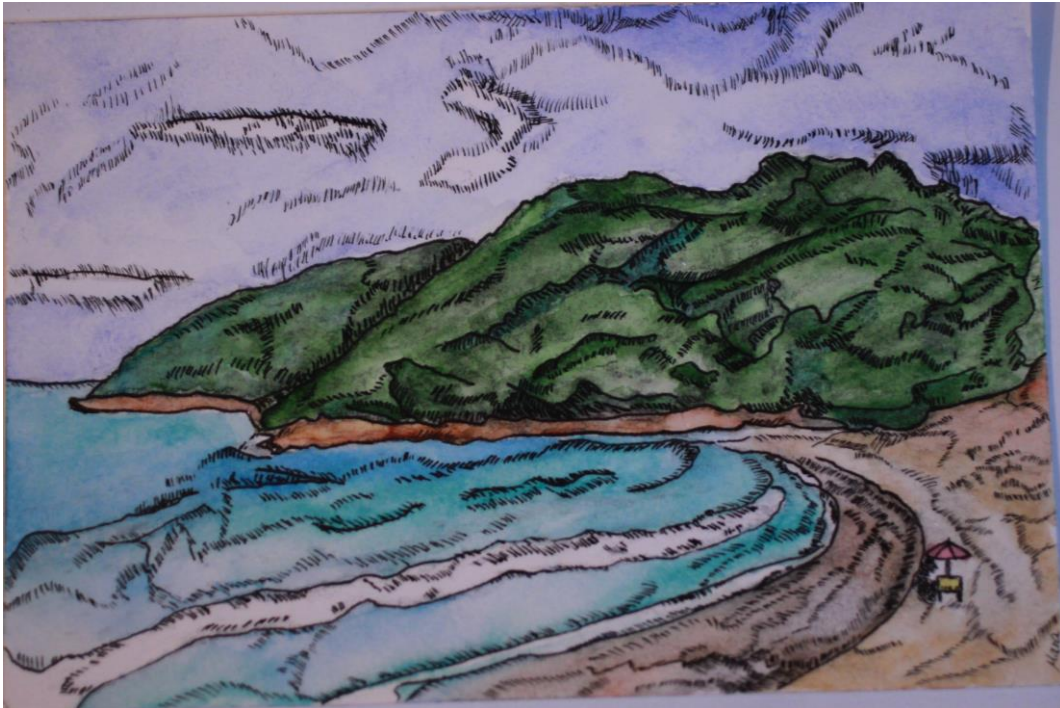
Deve abrir um tremendo de um buraco no peito
De um enorme vazio e de respeito
Da boniteza da forma de amar

Se a presença se esfumaça
A vida já não tem nenhuma graça
Nem palhaços parecem animar

Mas não se imagina
Como é forte o calor humano
Que de frente aos seus prantos
Hão de embalar uma pequena serenidade

Para cada dor, se plante uma flor
Que cicatriza de dentro prá fora
Mas floresce com os cuidados
De quem te cuida por agora

Parece não ter fim esse mar
Onde terá que remar pouco a pouco
Sem deixar que a vastidão do seu amor
Te afogue.



[Illustratio 2]

UMA VIAGEM INESPERADA NAS SERRAS VERDES DE MINAS

| 12 NOVEMBRO 2015 14:00 A 14:30 E 16:54 | MÚSICA: MUMFORD AND SONS – ÁLBUM WILDER MIND | MEMÓRIAS PARA QUANDO EU ESQUECER. VIAGEM À INCONFIDENTES 2015

Um dia comum. Apenas reunimos umas poucas coisas à nossa pressa. Nosso compromisso era às 20:45.

Arrumei as coisas da gatinha para ela ficar abrigada. Tempestade já era vista ao norte.

Tomamos pé da estrada. Era a estradinha de chegada em casa, que por tantos anos trilhei. Neste dia de calor de novembro com os vidros do carro emprestado abertos, e os cabelos jogando e flutuando.

Estamos bem, vamos fazer uma ida tranquila e antes, lá pelas 7 estaremos por lá.

Já fazem 2 anos que não viajamos. Olha e *num* é mesmo?! Ele me respondeu animado.

Era nesse trevo? Já não sei, eu disse.

Muito carro, nossa.

Mas logo após Bragança a brisa do convite da chuva começou a inspirar.

A paisagem verde, já meio invadida com este estilo SP de ser, mas fomos divagando alegremente e sorvendo como um drink saboroso nossa pequena viagem ao Sul de Minas.

Lembrava das nossas piadas a distrair nossos filhos, indo a Socorro, indo a Lindóia. Tantos anos assim? Puxa, ficávamos brincando de bolar nome de Miss. Miss Java, Miss Tuquentch, Miss Tério, Miss Janela...

Quando passo por Socorro sempre olhamos o Rio das Pedras lembrando de passeios de anos atrás.

Mas estrada Caminho das Serras verdes tem sido um caminho que sempre passamos em ocasiões interessantes. Sempre nos calamos a olhar o mato exuberante e o receio de ver acabar essa paisagem pela intromissão humana.

Ontem, especialmente o fim de um dia de calor, o céu ficou branco pálido, como uma maquiagem de palhaço, sem vestígio de onde começa uma nuvem e onde termina o relâmpago. O chão molhado mostrava nosso caminho contornava a tempestade, respingos manchavam o vidro, e o cheiro de orvalho, mato úmido, aquele mato rasteiro escalando árvores grandes retorcidas de seu destino, cerca de sítios.

Nossas conversas eram das paisagens, do camping que fizemos, do tanto de cachoeiras vestidas nessa mata, escondidas em seus segredos e perigos.

Lembra que quase caí? Pois acho muito perigosas. Verdade. Mas eu gostaria de morar assim, nesse verde circundante.

Por aqui não tem como ganhar a vida. É, tem que recomeçar e fazer outra coisa.

Olha, que lindo aqueles chalés, estão ficando prontos! Vamos chegar com luz ainda?

No lusco-fusco, mãe. Meu marido me chama de mãe desde o nascimento de Giovanna.

Mais adiante tem um bosque tem enormes eucaliptos, araucárias se escondem em seu tamanho. Enormes cascas do tronco, palhas e folhas atapetaram a estrada. Choveu forte aqui.

Olha. Sente.

O quê?

Este aroma de eucalipto. Fiquei com o vidro aberto, vento batendo com gotas da chuva no meu rosto direito e eu respirando fundo, fundo, fundo de olhos semiabertos.

Recordações de spray embebidas em licor.

Vamos cheirar os eucaliptos, Mara! Vamos que ajuda sua tosse. Ela me levava de Kombi, eu envolvia meu braço esquerdo no seu pescoço e ficava de pé no banco da frente. Corria aquela estrada no final da avenida Juca Peçanha, no túnel de eucaliptos. Ela falava para eu pegar cascas e folhas do eucalipto e cheirar. Eu tinha coqueluche, foi um longo tempo de ter acessos de tosse e não me lembro de lembrar isso tão bem como agora.

Eu comecei a tossir e expectorei. Bem! Você não imagina como o aroma do eucalipto *in natura* é poderoso. Olha só de sentir já eliminei essa coisa de falta de ar de todo dia.

Parece que tem uma resina no caule, que concede esse cheiro.

Verdade, bem. Disse meu marido.

Olha, me lembrei da minha mãe, ela me levava aos eucaliptos todo dia quando eu tive coqueluche. Sorri triste de saudade e inspirei profundamente.

A chuva apertou. Olha, temos que passar qualquer dia nesse alambique. Olha só esse lugarzinho simpático de pizza na pedra. Parece com o camping da Pedra Grande, não te lembra?

Lembra, sim. Ele sorriu.

Adiante uma subida, na curva uma cerca com porteira de madeira acinzentada, recortando o verde intenso, um cavalo branco olhando bem de frente.

Olha que bonito. Pena que não dá para parar aqui e fotografar...

Falamos praticamente juntos a mesma coisa.

Uma pintura.

Brasil lindo que não temos podido ir ver.

Enquanto ele se lamentava de não poder ir viajar.

Olha, todo dia temos que ver o que a oportunidade nos concede. Tem sempre algo. Tente ver.

Vento fresco e chuva no vidro. Céu cinza quase branco. Ar límpido que deu impressionismo ao verde, às tantas pedras ao redor.

Uma placa de madeira pintada dizia: Café Gourmet.

Comentei: invasão São Paulo nesse paraíso. Venho aqui em busca da coxinha do Nenê, do Sossego, doce de leite da fazenda, de hábitos antigos e mais comunitários. Sorrisos e conversa fiada sem receio. São pessoas cansadas da vida de plástico e daquela merda toda que vem tentar uma vida diferente.

Bueno. Olha que vida pacata. Estou tão cansada da invasão paulistana em Atibaia, e como estão estragando a cidade com prédios horrorosos, poluição e sujeira.

Calma, para vir morar por aqui, tem que ter um ganha-pão.

Fiquei absorta, pensando na tarde que tive, olhando as casas sumirem e outra estrada de sonhos circundar com árvores minha vida. Deixando a chuva que chore minhas lágrimas. Enquanto me arrumava em casa, parei a rezar por um tanto de tempo. Pessoas. Vida. Problemas...

Um café seria bem-vindo.

Olha o sorriso e as conversas dessas pessoas. Olha dentro das suas rugas, há uma calma e aquele *jeitim*¹ tão simpático de falar.

Eu sei, mãe. Vamos passar na volta e dar umas paradas. Dessa vez quero levar doces. Olha tem fábrica de chocolate!

Cuidado com essa descida de serra. Engate a marcha, por favor.

Estou devagar, bem.

Engate, por favor.

Está vendo o vale de Inconfidentes aí? Estou.

Olhei ao longe, com o olhar envolvido em emoção. Lembrava das vitórias e todos os obstáculos da Suh.

Parece que foi ontem.

Parece que uma noite outro dia, nós sozinhos nos embarçamos feito nó cego em nossos próprios braços, nos perdendo de nossos pensamentos nos nossos momentos.

Eu lembrava olhando as cercas caprichosamente pintadas de branco em cima, cavalos e vaquinhas debruçadas sobre o pasto molhado da generosa chuva.

Frescor de cidade de interior.

Frescor de amor de pétalas feitas de doces caseiros. Marzipan de cerejas. Doce com sabor de *amaretto*.

¹ jeitinho – forma mineira de dizer jeitinho.

Um silêncio em nossa chegada à entrada de coqueiros enormes, deixados crescer em liberdade.

Um brilho de noite no nosso olhar.

Rodamos ruas até encontrar a casinha.

Pegou a levar para sua apresentação de trabalho no Instituto, na Fazenda.

Eu esperei ele me buscar e ao dar ré, um monte de lama se respingou e foi arremessada contra mim, de cima embaixo.

Mas, corri limpar com pano úmido, agitando rapidamente e limpando cada pelote de terra.

Foi engraçado. Eu fiquei calma e sabia, não tem o que fazer.

Entre no carro, ele: Me desculpe!! Eu disse, imagine se fosse o contrário o que você faria?

Calma. A vida tem imposto a nós tanta coisa, não são respingos de lama que me farão ficar irritada. Vamos lá.

Tudo ótimo. Tudo bem. Tudo em ordem. 9,7 dá para deixar cada um de nós bem felizes.

Tem que aplaudir mesmo.

Não paramos por aí. A Vida tem novo ato da peça de teatro. E não adianta. As verdades vêm, os sonhos que sonhamos não nos permitem fugir tanto assim.

Naquele cafofo *mineirim* de Suzana, preparando para dormir.

O colchão inflável está ali.

Ele estende sobre o chão e começa a encher.

Estamos cansados, foi um dia intenso. Meu pé dói, ele disse.

Eu estou com falta de ar. Preciso da bombinha.

Ele encheu.

Eu me deitei no colchão e só avisei:- Parece que está furado.

A Suh só fez cara de ai meu Deus!

Calma, enche melhor, colemos com chicles!! Hahahaha.

Deitamos e falei: Para homem! Vai esvaziar antes da uma hora da manhã assim.

Estou me ajeitando. Ai que calor.

Não estou com calor.

Como não?

Não.

Esvaziando.

Pega aquele colchão solteiro ali e coloca por baixo.

Tá faltando ar.

Então pega a bombinha.

Suh riu.

Como é que vamos fazer.

Está nervoso, vai pescar. Falei.

Sim, já estou no bote furado, e tssss esvaziando.

Então deite e boie.

Risos. Dormimos.

Gente que dor nas costas. Hora de levantar.

Desliga esse despertador.

A Suh já saiu, vamos passar na cidade comprar doce de leite.

Preciso de um café com leite.

Tudo pronto? Pegou tudo? Então tranque e deixo a chave com Seu João.

Beleza, o dia está bom.

Vai chover?

Ainda não.

Aquele vozeirão 'Bom dia', do meu marido, as pessoas não negam responder tanto quanto para a minha. Mas em Minas, tem disso não.

Pessoal toma fresca, tem um dedo de prosa e não se amedronta de se perguntar nada.

Vou parar na padaria. É ali. O que você quer?

Polvilho!! Isso está ótimo. Ah vou parar ali. Olha o crochê das árvores. Eles forraram. Meu marido já foi perguntando a uma senhora. Que bonito nas árvores, como fizeram para forrar de crochê?

Eles colaram as peças em tudo.

Mãe, tira uma foto lá. Eu disse, quero entrar na igreja. Estivemos aqui na matrícula, agora quero agradecer.

Sim, eu também.

Tirei a foto, ele comeu sua quiche de queijo minas, eu tirei uma migalha do canto de sua boca. Entramos na igreja.

Eu fico abismada com o trabalho em granito, que esta igreja é moderna, esta cidade é uma criança ainda. Veja meu bem, que bonito é o Santíssimo. Ele tem bancos em volta para adoração. Não perturbe, há um senhor rezando lá. Vou lá fazer minha última oração pra gente ir de volta pra casa.

Meu joelho doeu de ficar rezando. Ah, meu filho, meu também. Pensa o quê.

Fomos saindo de mão dada, um cão vira-lata mancava. Poucos carros passando.

Ar depois de chuva.

Vamos sair do sufoco da vida, tenho certeza de que sua sorte mudou e apesar dos meus problemas pendentes, a vida vai rumar como o rio a encontrar um pouco mais de ar.

Será?

Sim, tenho certeza.

Olha o verde de hoje! Está iluminado.

Doce de leite? Sim, é só ter dinheiro no bolso que evapora.

Pelo menos uma vez.

Sabe que já são dois anos de moto?

Todo esse tempo sem poder ir por aí.

Ele responde em números: 2 l mil quilômetros.

Passamos na estrada, um homem capinava o sítio, eu disse, até ele usa moto por aqui.

Quero parar pra comprar cachaça.

Sim, não vai saindo degustando todas. Ficamos rindo. É bem mais pra frente. Não, eu acho que é aqui perto, mãe. Claro que não. Pra lá do Sossego e das cachoeiras.

Passamos um caminhãozinho cheio de latões de leite na carroceria.

Olha que interessante, o cara está levando a produção de leite dele. Lembra das carrocinhas de leite? A gente deixava os cascos de vidro na porta da casa, o leiteiro recolhia e deixava novas garrafas de leite com uma tampinha de alumínio. Você se lembra das carrocinhas do leiteiro? Era azul ou branca? Acho que era branca.

Atibaia era tão legal na nossa infância. Agora está essa coisa.

Cuidado essas curvas. Oxi, eu sei! Estou devagar.

Eu queria respirar todo aquele verde e guardar todo ele sob efeito de esperança em mim.

Para que todos meus desafios, desafinos, desatinos se dilúissem.

Se eu estender minha mão posso tocar a árvore.

Passamos o cemitério – tório – tório, sorri, agora logo ali tem o camping.

Imagine a chuva forte de ontem que terá feito às cachoeiras...

Nossa. *Num* é?

Pois é.

Na curva uma porteira, com galões para leite estavam no chão à espera do leiteiro, acho eu.

E esse monte de cafezais. Cafezais e bananeiras...

Imagine, você compra um pedacinho de chão de sonho, planta, cuida, casinha branca com detalhes azuis em estilo colonial, seu cão de estimação companheiro da vida, suas crianças descalças, o gado no curral, as hortaliças, sua terra carcomida do seu suor de trabalho, vida inteira, famílias inteiras que viveram ali e daí vem uma barreira rompida e o lamaçal acaba com tudo. O leite da vida inteira jogado fora, as pessoas perdidas e tudo perdido.

Imagina isso, aqui esta bacia que leva todos esses riachos à Socorro, uma enorme bacia. Imagina o que foi o que aconteceu por lá em Mariana.

Coisa horrível.

Devia ser lindo como isso tudo aqui. Lugar que gostaríamos de vir para viver. Imagine se...

Tudo lama.

Calamos por tempo. Até a placa de 'Aqui Café!' Compre nosso café à 100 metros.

Vamos ver? Vamos comprar café? Vamos!!!

Estradinha era terra de pedriscos, todos eles estralando sob a roda do carro. Som que me interrompe qualquer coisa na cabeça.

Uma quietude. Um caminhão que era carregado de sacas de café em grão.

Homens entravam e saíam de um paiol, um galpão grande onde uma máquina despejava os grãos do café sobre uma outra máquina ensacadora.

Foi logo perguntando: Aqui é que vende café? Café torrado e moído? Eu queria comprar para levar para casa um pacote.

Opa! Sim. O dono saiu, mas vou ali pegar a chave.

Para onde vai todo café, vocês produzem tudo aqui?

É sim. Sei não Senhor.

Aqui está, 5 reais. Está ótimo. Ainda quero passar na cachaça Galo Branco.

Os homens riram maliciosamente, suados e barbas por fazer. Olhos de trabalho. Trabalho duro.

Os cafezais se deitavam dali aos olhos se perderem.

Olhei o vale. Perdi a vista e os pedriscos cantavam tristemente enquanto fomos embora.

Dali as curvas em sol, às vezes o tempo se fechava.

Só o verde que não parava de rir.

Ah, os mesmos eucaliptos, acabando a descida estamos antes de Socorro, você vai ver.

Eu acho que já passamos.

Claro que não.

Esse lado de cá, nesses vilarejos, já tem um crescimento desordenado. Não acha?

Estamos perto de sair de Minas. Pode dizer que comprou o café de Minas à 300 metros do estado de São Paulo.

Rindo, eu me pus a dizer, mas é desta terra. Se não é café com aroma, não importa. É daqui deste cafezal lindo. Bem daqui. De onde você viu onde é plantado.

A descida acabou, ele, na curva: Quero parar e almoçar ali.

Mas, fio, acabou de comer uma quiche e quer almoçar? Oloko.

É, sempre quis.

Desse jeito vai ficar sem a cachaça.

Pensando melhor, vamos no alambique.

Então tá.

Ali está. Ó i ó. Galo branco. Tinha uma placa de madeira pintada. Mas logo fui vendo um bando de galinhas pretas correndo lá por dentro do portal.

Galo Branco, mas galinha preta! Hahahahahahahaha.

Paramos, não tinha vivalma.

Ô de casa!

Uma plaquinha acima da loja improvisada dizia: *Aqui tá bão, agora que o cê chegô fico mió!*

Olha tem galo branco ali sim.

Apareceu um trator rebocando um arado grande. O meu marido foi logo falando bom dia, bem alto, como já é de costume.

Queria ver sua cachaça.

O camarada parou, desceu do trator, com suas botas de borracha branca se aproximou enxugando o suor da testa com o antebraço.

Meu marido já puxando papo de longa data... Esse aqui é canário do reino? *Num* sei não.

Faz tempo que a gente passa é nunca para aqui. Hoje tinha que levar uma cachaça.

Tem essa branquinha, essa envelhecida, aquelas lá com aroma de frutas.

Quanto essa envelhecida? Experimentando com olhos saborosos.

Trinta. Essa é a pinga premiada, ganhou 3º lugar nas melhores de São Paulo.

Posso experimentar? Eu disse assim que ele me olhou a pedir permissão.

Hummm. Muito boa. Se você não comprar eu compro.

Vou levar, disse meu marido.

E fomos embora com a pinga envelhecida das tantas vezes que não paramos, mas hoje pode ser a última vez que passamos ali.

Hoje ou nunca. Quem sabe...

Nessa altura, o rio das pedras já cortava o caminho.

Trânsito já estava mais intenso.

Parque da CPFL, eu vi a placa, disse ao Henrique, olha, eu vinha aqui em Socorro num lugar onde tinha usina velha, o rio era manso e límpido.

A gente entrava a nadar no rio, batia na cintura mais ou menos. Tinha um bosque lindo perto da usina. Eu me lembro de vir aqui, não sei se é nesse parque. Só pode ser.

Queria um dia voltar, mas acho que o lugar deve estar irreconhecível.

Eu nadei nesse rio, poucas vezes fiz isso na vida.

O bosque tinha cascos das árvores caídos, folhas de todo tipo de cor, que formava um tapete volumoso assim (mostrei com as mãos) de folhas secas. Nada me marcou como cenário de outono como esse bosque de folhas secas. Acho que isso me fez andar por ele, ver as folhas de todas as cores de marrons, ocre, bege, verde escuro, verde claro, esqueletos de folhas secas.

"Folhas secas. Desejos de paz e amizade, na caminhada de solidão".

Era lindo aqui, terminei assim dizendo.

Sabe, mãe, que uma vez eu nadei no rio Atibaia?

Sério?!

Sim, meu avô Cassio tinha uma draga de areia, juntou meus tios, eu e ficamos em boias de câmara de pneu de caminhão no rio.

Nossa! Que coisa incrível. Em que lugar?

Não sei também.

Assim, fomos passando os quilômetros e chegando em nossa casa.

Caixas da Suzana para carregar, a gata para abraçar, roupa para trocar e todas essas coisas de cotidiano que devemos guardar para lembrar um dia que fomos passear.

ESTRADA ADENTRO

| 09 OUTUBRO 2015 | 6:46 | VERSO DA FOLHA: MÚSICA: SYMPHONIA – SCHILLER
O CAMINHO ESTRANHO QUE NÃO PARA DE EXISTIR.

A estrada que adentro, as copas das árvores vão se intensificando.

Enquanto vou caminhando nesta única direção, mas sem rumo, vou encontrando onde os sons e cheiros me ferem a pele.

Vou me embrenhando, entre copas de árvores, cricrilaes, sons guinchados de algum pássaro irritado.

Os galhos vão se rompendo sob meus pés, o visgo das folhas secas e trituradas do outono vão tingindo meu pé e me colorindo da minha fuga.

Quero parar de ouvir as lembranças e as mesmas buscas.

Tenho que ir. Simplesmente não tenho mais como ficar.

Tudo que tenho são dizeres sem razão, sem nada que eles possam fazer ou preparar para meu próprio café da manhã.

Enquanto caminho, o rumo se diluiu e não tenho mais ao que voltar.

A agulha do graveto, o espinho da picada da abelha, o zunido e a luz das brechas de sol vão me pintando de outro lugar.

Indefinido estar e existir.

Aos poucos os vestígios daquilo que eu era vão desaparecendo, dando lugar à imagem irrefletida das ações do tempo que consomem minhas entranhas. Como as formigas que freneticamente vão se acumulando sobre os meus pés e os devorando.

Do caule da árvore mais próxima, verte uma resina de cheiro forte, tal como a morte que ronda minha insatisfação ou incapacidade de encontrar a direção.

Ando, mas as feridas me exaurem. As unhas já carbonizaram e minhas rugas parecem um desenho grafitado a carvão.

Se meu olhar não sei aonde se dirige, minha voz já não fala. Aos poucos a solidão e a exaustão já não me deixam mais dizer.

Perco a vontade, cedo meus joelhos e me ponho de lado. Como se a desesperança por pouco não estivesse se apoderado de mim, o caminho parece não mais existir.

Neste momento não lembro quem sou ou aonde pretendia ir.

BOCA MORDIDA DE PÊSSEGO

Seu olhar foi a primeira coisa
que procurei ao acordar
Minhas mãos passaram
Por seus cabelos temporais
Sua boca repousa e
me lembra pêssego
aquele que eu queria morder

Ainda sentia o calor
e o gosto da sua saliva
em meu despertar.

Seu abraço e seus afagos
me tatuaram um ardor
A montanha se encaminhou sob meus pés
Seus amores atravessaram meu pescoço
Olhei brandamente para este calmo
amanhecer

Lembrei poema de rosa verde
Aquele mar de suas pupilas
que por um instante
me amou e fez com que
tudo além dali nem existisse

Sempre te amei, tão dolorosamente
e ao mesmo tempo calorosamente
Nos tempos frios
e tempos quentes

CORRENDO EM MEUS PASSOS

| 21 DEZEMBRO 2015 | 2:09

Correndo em meus passos
Ofegando as inspirações do ar molhado
Chuvvas se debatendo em minhas bochechas
Olho olhos que não respondem
De vez em quando algo rompe essa cortina de isolamento
Quero sentir os aromas das casas e suas ceias
No final transpiramos a esperança de nos encontrarmos
em momento mais ameno.

Só de poder falar de uma dor, pode ser um alívio
Hora de pensar que ainda precisamos ser melhores
para achar o sabor de uma cassata, lembrar minha mãe cozinhando
Trazer mais compreensão no canto das pestanas
Quem sabe logo posso molhar meus pés na água
Segurar nuvens de açúcar entre meus dedos.
Polvilhar com beijos de cereja os amores sem tempo
Quero um momento de silêncio em Cristo
e sem grandes materialismos poder acreditar na solidariedade.
Gostaria de em breve tempo ter mais segurança.
Rever as pessoas em um quarto de céu azul
ou ouvir suas vozes sem receio.
Não posso fazer muita coisa a não ser mandar um toque de meus dedos
em suas dores
e nelas brotar novas flores e novas frutas.
O meu colo quer carregar a criança de mim mesma
que pudesse sorrir livre das profundas dores do abuso
e correr livre e solta sem nenhuma dessas coisas um dia terem
me roubado um pedacinho de paz.
No meu correr

Nesses meus passos
Ar que rebate meu olho
Luz que aquece meu rosto
Quero ser eu, livre desses pesos
e nessa correria, não ser fuga.
Ser apenas a ruga
do tempo que teria sido
causa do riso e pranto,
Mesmo que não seja quanto
nem tanto.
Apenas o gosto,
por todas as cores que virão
a trazer admiração da vida
a devolver minha dignidade.

DIFERENTE

| 29 SETEMBRO 2015 13:42 | MÚSICA: GEBOREN UM ZU LEBEN – LIVE – UNHEILIG, MASCHINE – LIVE – UNHEILIG DO ÁLBUM GIPFELSTÜRMER LIVE. SENSações E SENTIMENTOS, AS CORES DOS MOMENTOS, PERCEPÇÕES E AS CORES DO PRISMA. VIDÃO DE MEU DEUS, MUNDÃO DE DEMÔNIOS, PROBLEMAS E CONTRAÇÕES. DORES DO MUNDO EM MIM QUE ME ESCALPELAM. TROFÉU DE DOR PREMIA QUEM?
JUNTO DE TUDO QUE TE ARRASTA, AINDA TEM UM BARCO A REMO PARA TE ACALMAR.

Quando cheguei lá hoje cedo
Algo estava diferente
Não é porque eram outras pessoas
Não era porque uma névoa evaporava do lago
Recordações de inverno
Nem folhas de outono

Algo era diferente
Seria porque havia ali uma canoa?
Era o ângulo que eu olhava para o cume da árvore
Via o céu aberto entre as brechas das folhas
Uma fila de formigas carregadeiras frenéticas
Ou o quê?
Eu parecia mais cansada
O ar me raspava
Soava como a mão arrastada dentro da areia
Era assim um ar paralisado
Semblantes tensionados
Os olhos um pouco mais franzidos do que antes

Alguns fios de cabelos libertos a flutuar ao céu

O que estava mudado? Era o mundo, as pessoas, os sentimentos
ou eu mesma?

Os caminhos estavam tão calados
O sol amornado
O horizonte enevoadado
O coração mais apertado.

O que estava diferente
A vida, os amores, todos os horrores?
Aquele criança na praia?
Lembrava-me que a nova cruz de mártir
Agora eram naufrágios.

E quando eu fumava todo o ar parado
Um homem estava sentado
Seu terno amarfanhado
Seu amor engavetado.

O chapéu escapuliu com o vento
Rolou escada abaixo
Uma criança saiu correndo atrás da pipa
Uma senhora de saia inventada
Um chinelo arrebitado
Nossos sentimentos acorrentados
E os amores desbotados.

Sem tempo pra quê?
Tanta pressa de morrer?
Esgoto que não dá pra esconder?

Onde está você?

O que era diferente,
Sua unha, seu cabelo, seu *tattoo*,
Ou meu papel Machê?

Sem mais e sem você.
Com amor de laquê.
O que eu desejava era mais saquê.

TEMPO DE SE PREPARAR

| 14 DEZEMBRO 2015 10:42 | MÚSICA: VISITATION, OPENING – CAROL MOVIE SOUNDTRACK
MINHAS PERCEPÇÕES DA TEMPESTADE DE SÁBADO E COTIDIANO. PENSAMENTOS.

Interrompi meu olhar quando percebi os ventos. Eles tremeram a porta. As roupas pareciam se curvar ao céu, sugadas com violência. Percebi com estranheza os coqueiros ao fundo que eles curvavam suas folhagens para o lado. Apenas o cacho de coquinho parecia enfrentar corajosamente os ventos.

Uma intensa luz amarelada refletia um fecho de sol nas partículas de poeira, mas o céu temível e negro, revoltado junto com nosso olhar inseguro.

Roupas amontoadas na cadeira, freneticamente eu andava daqui ali, para guardar isso ou aquilo no rancho. Quantas folhas se curvavam que me fez temer pelo pinheiro.

De repente parecia que como marteladas, gotas pesadas começavam a bater, antecipadamente ao nosso sobreaviso.

Pus-me adentro, enquanto por um momento apenas uma leva de chuva pesada chegou ruidosamente ao gramado crescido, o vento calou-se. Apenas o peso da água raivosa curvava as folhas curvas da palmeira e lhe arrancou a mais ressequida. As romãs nem amadureceram e já estavam estragadas.

Enfim, naquela janela eu podia ver a tempestade dançar em ventos e pequenas revoadas brancas como se os pingos fossem pássaros. Havia *splash* enorme da água caindo das calhas e eu com meus pensamentos me reformulando para os dias seguintes e a enorme dificuldade que se aproxima.

Devo fazer dos meus dias o libertar dos pássaros, não esperar que coem meu café, que me abracem com sinceridade, ou que reconheçam minha expressão mais incalculável do olhar.

Não posso esperar que todo tempo passe tão calado, ou que as palavras me divirtam sem seriedade.

Preciso pintar as palavras e escrever melhor os desenhos, preciso mergulhar neles que nesse afogamento salvar meu íntimo.

Eu poderia molhar-me agora e dessa chuva, arrancar essa permanência. Os temores poderiam ser de álcool e evaporar. E se eu quiser posso ser melhor do que essa insônia ou essa nevralgia.

Não posso esperar que alguém venha consertar o quebrado, alinhar as curvas, decifrar meu desenho, satisfazer meu sonho e cozinhar minha comida. Eu preciso encontrar força que me deixe fazer mais sem tanta ilusão, sem pensar nas pessoas e seus anseios, traduzir esse emaranhado de plantas que nascem e morrem sem ter nascido.

Ainda que sozinha no meu espírito, quero caminhar o dia com essas dores mesmo, aproveitar a vista do morro, e percebo tanto. Tanto capto com meus sentidos que nunca consigo exprimir nas minhas obras e mesmo que eu pense delas serem tão insensatas, quero prosseguir sem destruí-las mais. Não mais.

A chuva parou seu ar destruidor em meu momento de olhar, a luz interrompida com o fim do dia caindo e o contraste se iniciando num silêncio impiedoso.

Estivemos por dado instante, agradecidos que fizéramos tudo antes e também por eu ficar ali alisando a barba dele por momentos sem tamanho, cada um com seu pensamento e com sua própria conversa.

E o jeito foi acender uma vela, comermos uma comida simples e tímida, ter esperança de amanhã. Quanto a manhã de domingo, só nos coube tirar pragas e cortar a grama. Extenuados de nossa condição e concentrados naquele afazer, eu tentava fugir de qualquer conversa que nos levasse a

reclamar. Descobri então flores da azálea asfixiadas das samambaias e quebra-pedra que lhes invadiu o espaço. Havia flores ocultas esquecidas e nunca vistas.

E depois de tudo, fui cuidar dos espinhos e feridas em minhas mãos. Assim foi mais um dia.

SENTIMENTO INCOMPREENSÍVEL

| 23 SETEMBRO 2015 10:22 | MÚSICA: WIE WIR WAREN – UNHEILIG ÁLBUM LICHTER DER STADT, GEBOREN UM ZU LEBEN – UNHEILIG ÁLBUM GROSSE FREIHEIT | AS DORES REVERBERAM-SE NOS OUTROS AMORES E A ÁRVORE DA VIDA MUDA DE ESTAÇÃO. O CICLO MUDA, SEM NOSSA NOÇÃO. SENTI NO FUNDO DE MIM MESMA, OS MÚLTIPLOS AMORES. QUANDO OS DESCOBRI NESTA CONSCIÊNCIA TORPE, VOLTEI A ACREDITAR NA VIDA. PERDI PARA A MORTE, PARA OS CÉUS, PARA PORTAS FECHADAS, E MEUS OUTROS ENTES QUERIDOS MERGULHARAM NO MEU SANGUE PARA ME RESGATAR, NO MEU VIVER, E RECUPEREI MEU ÂNIMA.

O que dizer.

Senti em mim mesma, aquele pulsar a soar no ouvido,
meus batimentos antes que eu dormisse.

O amor se entranhou dentro das veias,
ele percorreu até as extremidades de meu dedo.

Ele formigou, me deu dores, sensações, queimou.

O que dizer... do amor à dor.

Como se espinhos de roseiras brotassem dentro das veias,
das vísceras,

que expandisse meu coração dentro do meu cérebro.

Amor, ele revive seu próprio viver, se expande,
não morre.

Ele se multiplica, em outros amores.

Germina rosas enraizando-as no seu órgão pulsante.

Como novos dias que amanhecem, novas estrelas que se descobrem,
sensações temíveis. O escuro doer da ausência.

A dor de perda é a dor da amputação.

Nesta incrível biologia da vida, nosso espírito é o que nos difere.

Amor etéreo, até mesmo o estéril, ele cria novas existências das quais desconhece.

A solidão só existe em nossa mente, porque como as árvores se renovam em reflorescimento,
amores fazem a gente seguir em frente. Porque existem pessoas que nos iluminam.

Não é o tempo. São as memórias que nos impedem de sermos mais felizes. Faltas, decepções e saudades.

Amor é a dor masoquista.

É a luz do dia, luar, eclipse da razão.

Se química, seria a programação mais sádica para nos levar ao céu nascente e nos deixar cair por terra depois.

Sem lógica, não tem essência, apenas nos banham em água fresca ou morna quando estamos frágeis,
nos traz um vulcão de fogos de artifício quando o amor se intersecciona.

Do amor nada se ganha nem se perde. Sente-se. Propaga-se. Implode. Explode.

Abrange outras existências.

Como o mar desaguando em praias e nunca termina, nunca se iguala.

Perdas vivas e mortas, o eco de dor, uma puta falta. Precisa abrandar a febre em água, pôr os pés na água do rio e vê-lo passar.

Amor vai remetê-lo às mais inquietantes indagações. Onde a resposta está no amor vivo espiritual que transcende tudo isso.

EM MEU DIÁRIO

| 28 SETEMBRO 2015 17:14 | MÚSICA: ZEIT ZU GEHEN – LIVE – UNHEILIG | OS DEVANEIOS QUE ME VIVEM. O DIA QUE COMEÇA DEPOIS DO AMOR. MEUS PASSOS VIVEM O SONHO E ADORMECEM A RAZÃO. ESVOACEI PARA O CÉU, EMBORA NINGUÉM TENHA DADO FALTA. O GOSTO DO MEU AMOR AVOLUVA MINHA ENERGIA DE CORRER AS RUAS, TOCANDO LEVEMENTE AS FOLHAS. E PERMITO-ME PROLONGAR MINHAS ILUSÕES ATÉ A ESQUINA DO NOSSO ENCONTRO MARCADO COM NOSSAS HORAS DE TRABALHAR.

Em meu diário

escrevo o café da manhã,

uma torrada,

o ar da montanha,

geleia de palavras perdidas e

um creme de bom dia.

Desço ao jardim, correndo com a gata,

para colher a flor que ainda não está ali.

Enquanto arrumo as coisas do dia,

pensando nas palavras e nas coisas impossíveis.

Sigo meus passos, deixo minha sombra pra trás.

Olho horizontalmente, pessoas que vêm e vão,

seus olhos parecem fechados.

O sol acarinha meu braço, os musgos que se abraçam nos troncos.

Eu paro e por um breve tempo respiro,

eles invadem de ar de eucalipto perdido,

como se eu tivesse quatro anos.

Os ponteiros do relógio ainda se movem

nesta dança de corrupção de mãos atadas.

E meus cabelos me seguem, arrastados a contragosto.

Se eu pudesse eu nunca diria.

Mas se viesse, eu sorria.

Não consigo parar de sentir e viver dentro do sonho

de acordar em mais um dia, continuar nesta paisagem irreal.

Enquanto os problemas se esquecem de vestir o uniforme do primeiro dia de aula.
Então, sigo alegremente, sonhando meu viver, como beber café com *cognac*
sem precisar estar atento.
As folhas batem asas como as maritacas verdes de pupila,
os aromas dos edredons noturnos repousam nas minhas pálpebras.
E minha língua se movimenta nas lembranças do amor envelhecido em tonéis de cedro.
Ainda estará ali, naquela esquina, o meu amor me esperando chegar?
Eu me apresso para me soltar das sombras, o calor aquece meu rosto,
procuro entender meu pé que me apoia,
e meus braços que se abrem caindo dentro do sonho
e de tantos pensares.
A esquina tem uma flor de azálea mara.

TEMPESTADE

| 25 SETEMBRO 2015 13:03 | MÚSICA: ZEIT ZU GEHEN- UNHEILIG, ZWISCHEN LICHT UND SCHATTEN – UNHEILIG
UND GLÜCK AUF DAS LEBEN- UNHEILIG
UM SENTIMENTO PROFUNDO E DEVASTADOR SE EMERGE NESSES DIAS. DORES E INSÔNIA.
A CHUVA TEMPESTUOU.

Uma nuvem que desceu pela escada,
assoprou seus pensamentos desde lá a boa vista.
Um véu cinza se dissipou,
se reencontrou.
Emerge junto àquilo que demorou
decantado em uma serenidade condenada.
Traz em si a turva imagem distante,
não presente.
Uma pressão atmosférica,
em redemoinhos de dúvidas
revolve o lodo acalmado em década.
A escada permanece inalterada.
Você quer transpor às barreiras que te são proibidas,
e o que estava cicatrizado arrebenta.
A contida insensatez que te *injustifica*.
O vento vai descabelar todo seu semblante calmo.
Se em risos ou desesperos, nem o tempo poderá
infernizar mais seu íntimo.
Nas suas dores mais secretas
a tempestade vai te levar arrastada aonde você não pretendia ir.
E quase se afogando nas suas emoções
seus dias desvanecem, mas encontram estrelícias laranjas.
Então seus olhos recuperam o fôlego.
Seus temores são acordados de sua calmaria,
suas dores retornam à sua memória
que não possui mais lápis de cores para redesenhá-las.
E o temporal se aproxima e

minha amizade vai ficando escondida, no fundo do meu bolso
em pequenos escritos amassados e relidos.
No rascunho, marcas do tempo, ranhuras e aquareladas de lágrimas.
Vem tempo, tempo, temporal!
Sem nada, nada, igual.

AO FIRMAMENTO

| 30 DEZEMBRO 2015 21:56 | MÚSICA: STAR WAVES - M83 - OBLIVION SOUNDTRACK |

AS GRANDES FORÇAS NÃO PODEM SER CONTIDAS. EM PEQUENAS COISAS SE MANIFESTAM E NÃO PODEM SER NEGADAS. É SIMPLES. É AR.
RESPIRE E ACEITE.

A noite se deitou em mim, fui me sentar na rede a céu aberto e descobrir em mim qualquer coisa.
Senti empolgação da música nas luzes âmbar, na silhueta do Castor, na estrela oculta, na montanha estendida.
Meu delinear foi nas luzes acesas e nas apagadas.
A janela fechada que enfim se abriu.
O ar entrou.
As andorinhas foram libertadas e voaram pela primeira vez à noite.
As nuvens, elas eram cortinas.
Um breve respirar.
A rede se move e eu galopo. A mesma égua que seguro com uma gravata em seu pescoço, ela dispara a estrada do Sion, para lá no final se erigir ao céu.
As grutas da serra me esperam com suas luzes tênues.
A grande pedra se abre das nuvens úmidas de sonhos e me espera.
O céu me espera.
Eu sinto o vento na cara pilotando o ar.
Nada me fará parar.
Eu sinto a janela e o fecho que abri.
Agora mesmo meu coração e todo amor dele se esvai.
Mas não como pensei.
São pássaros.
São nuvens.
São as luzes.
São folhas verdes e as secas.
São orvalhos. Estão na fumaça da torta que assei.
São riso ecoado de nossa boca.

E a boca selada.

Meu coração enfim ele voa liberto.

O ar que se arremete ao peito, eu respiro. Eu não esvazio.

Estou ali, no meio de tudo e do nada.

Meu amor agora que conheço me entorpece, um copo a mais, nem me importo se vai doer, nem a dor que me imponho.

Voar. O ar está a voar junto com ele, que se esconde feito uma gata na árvore, sem vintém, sem agora, não interessa.

Cavalgo a égua afinal.

E sei que te amo, sem regras nem mistérios.

Cada dia é dia de procurar onde meu coração foi se esconder e trazer, para ele bater meu peito, meu dia, meu olhar e escrever por estas linhas retas da rua por onde me espalho.

Agora sou barco. O remo sai à procura de ir, sem o rumo do outro lado do lago, onde meus pais um dia encontravam olhares de amores.

Encontro no mesmo remar, o mar distante dos olhos que apenas quero enxergar, mas nada muda os rochedos com que se deparam nossos medos.

Meu coração pode ser agora gaivota, voar e pescar. Pode ser olhar no brilho do mar. A água batendo nos meus pés.

Meu coração voa além e sigo procurando e encontrando.

A cada momento descubro onde ele se esconde com seu desdém. Eu sorrio. Levo-o em meus dedos, que logo se abirão para o seu libertar.

A música toca e pula em minha intenção de dançar, eu sei o que preciso saber. Nada muda isso. Nem o não. Nem o nunca.

E eu posso pular e dançar com meu coração que já se foi, nenhum peso o reteve.

Tudo que havia flutuava.

Podia navegar navios nas nuvens roxas e no final do pôr do sol cor de rosa pousar sobre seu lábio inferior vermelho. Livre.

Esvoaçado com vento dos cabelos.

Libertado do tempo como gênio aprisionado na dose do whisky.

Nunca poderei ser a mesma. Terei de reencontrar meus sentimentos escondidos nas areias de dunas da cova do meu queixo; terei que procurar na asa delta do meu dente ou na mancha sob meu braço esquerdo.

Pode ser que eu encontre na rua estranha a andar de moto na chuva junto com seu anjo vestido de jaqueta cinza e no final deslizaremos cachoeiras.

Lá, onde as folhas se inclinam para beijar o chão e se retornam secas e vívidas.

Procurarei nas nuvens arrastadas pelas velas do barco e guardadas em baús de madeira.

Quando eu o encontrar, porei fogo a crepitar estranhas sensações de nunca pousar minha mão e meu afeto em todo o tanto.

Nas fagulhas que incendeiam o amor se dirá sem rodeio, nada o deterá.

No amanhã será. As estranhas palavras cavalgarão a você a te beijar. O amor se fará.
Em todo etéreo libertar, o amor se fará.

AS ROSEIRAS

| 26 JULHO 2012 18:00 | LOCAL: ATIBAIA, RUA JOSÉ BONIFÁCIO | VERSO DA FOLHA: ENGRAÇADO AS COISAS DA VIDA, EU SEMPRE REPARO NAS ROSAS, OU FLORES DOS JARDINS QUE AINDA PODEM RESSURGIR FRONTE ÀS CASAS. E MUITO ME TOCA, AS MÃOS QUE CUIDAM OS JARDINS DE ESPERANÇA E FELICIDADE.

Nos meus passos, ouço o farfalhar das folhas,
na brisa lenta enevoadada
das tardes caladas e do tardio pensar.
Ali estavam as roseiras, com uma rosa desabrochada vestida em sua saia rosinha pintada de pétalas brancas.
Ela, com seus brincos de princesa reluziam, ao último sol.
Lembrava-me todas as vezes que por ali passava,
ali estava a mãe do Márcio,
debruçada sobre as roseiras retirando as folhas.
Folhas que secaram.
As suas rosas reluziam no sol da manhã
e me faziam certeza de que ela postava sua mão aninhando os brotos,
para que recebessem o sorriso do seu acolhimento.
Era como se eu soubesse que toda manhã ela estaria ali,
conversando as cores que suas rosas iriam falar.
Tocando o cuidado que suas rosas iriam acarinhar.

E simplesmente eu dizia: Bom dia.
Oooi, como vai?
E todas elas respondiam: Rosa.

Continuei nos meus passos, divagando, se eu me recordaria
das palavras de vento, das abelhas que reluziam
mesmo naquelas rosas que estavam quase despidas de sua roupagem.
Mas eu sabia, que por hoje e sempre,
seriam lindas as rosas da mãe do Márcio.

EU QUERIA UMA PALAVRA E MAIS OUTRAS

| 21 SETEMBRO 2015 | SOMENTE HOJE, DEPOIS DE MINUTOS ENTENDO PORQUE SONHEI COM MINHA AMIGA POR ALGUMAS VEZES. SEM PODER FAZER NADA, SENTEI A OUVIR THE STORY OF THE IMPOSSIBLE DE PETER VON POEHL. QUERIA A DELICADEZA DE AMPARAR. QUERIA TANTO PODER EXPRESSAR FÉ, AMIZADE, FORÇA E AJUDAR.

Eu queria uma palavra que fosse certa,
soasse como se fosse um sopro e
esvoaçasse uma poeirinha do olhar.

Eu queria uma palavra que fosse a força do abraço de amor,
que perpetuasse o momento onde a borboleta repousa sobre a rosa do carinho.
Queria ter a palavra que cruzasse o mundo, trouxesse de volta as brisas nos cabelos,
e as risadas felizes de tudo que sonhou para a vida.
Queria a palavra que fizesse o impossível,
amparasse, serenasse o sonho, embalasse esperança no dia que amanhece.

Que não fizesse pessoa alguma sentir-se sozinha.
Eu queria trazer de volta o brilho no olhar,
pelas atitudes que puderam dizer mais que palavras.

Eu queria poder ter o poder de dizer.
E com essa flor de nuvem em céu azul,
com esse vento que precede a chuva,
pudesse trazer o som da voz junto da sua felicidade.
Sinto tristeza hoje e não tenho poderes.
Principalmente de tirar a dor profunda dos corações,
nem de poder dizer algo que possa mudar aquilo que acontece.
Mas acordo. Ouço pássaros.
Convido a prestar atenção nessas pequenas coisas
que trarão junto de seu coração a presença
e a felicidade voltará.
Ela estará em coisas diversas, escondidas nas incompreensões, na imprevisibilidade e no desenho das nuvens.
O tempo vai por pôr de sóis e luas em seus horizontes.
Guardado em uma estrela o seu grande amor renovará o voto de cuidar do seu coração em apenas um brilho para todas as noites.
Fiquei aqui reticente, pensando quieta, com um nó na garganta.
Puxa, logo agora que a vida traz os pássaros, as montanhas, o mar
para sua vida ser melhor junto com amor...

Meu pensamento pode chorar e mesmo assim,
eu não encontro palavras. Mas sei que a vida vai raiar novos dias com lindos amanheceres.

UM TEMPO PRA NÓS DOIS

| 01 OUTUBRO 2015 | 14:50 | MÚSICA: TODAY TODAY TODAY – JAMES TAYLOR, YOU AND I AGAIN – JAMES TAYLOR
PARA MEU QUERIDO HENRIQUE, POR MAIS ESTE ANO NA NOSSA VIDA JUNTOS.

Oi, meu amor,
apague a luz, a luz.
Vem aqui ficar juntinho,
ouvindo o James,
apenas hoje, tenha esse tempinho.
Vem meu anjo,
quero ouvir seu coração,
dormir um minuto em seus sonhos,
sorrir os seus braços.
Oi, meu amor,
Desligue o fogo do feijão
vem aqui ficar quietinho.
Tenho um amor pra te contar no ouvido.
Enquanto a chuva chicoteia o telhado,
lembre o silêncio do nosso quarto.
Uma luz fraquinha que contorna seu olhar.
Um gosto sem par.

Oi, amor,
lembre que estou aqui,
junto de você todo dia,
que se diz vida.
Vem aqui e me dê sua mão e
juntos andaremos descalços nossas praias.
Nossos filhos ainda serão crianças,
e nosso tempo não tem hora de acabar.
Oi, meu amor,
Veja que chegou outubro,
para mais um tempo de nós dois.
Sei que nem tudo pode ser tão tranquilo,
mas escute dentro do nosso momento de paz
e saiba que estou sempre aqui a te amar.

PROJEÇÕES

| 09 DEZEMBRO 2015 | 13:32

Desse momento só quero guardar a lembrança.
A sensação da pele, da expressão do olho.
As sombras dos cabelos sobre seu rosto.
Desse momento só gostaria de guardar o gosto.
De um beijo mordido, de mãos seguras,
pensamentos acolhidos
no seu dorso.
Desse momento eu queria resgatar a sensação.
Ela estava dentro dos nossos rostos encontrados.
No toque da textura das peles desenhadas.
Nesse momento, encontros e passagens,
idas e vindas da vida,
filhos que vieram.
Mas o sentimento parece se reencontrar com o começo,
de uma paixão que acertou nossas árvores com seus raios.
E eu rememorava outras transas no enquanto.
Seu rosto parecia outro.
Sua boca me cegou, seu amor me construiu.
E nossas mãos ainda estavam em nossos rostos.
O calor manso e a intensidade profunda
elas se projetavam em cores submersas de luzes.
Os suores esquecidos,
as nuvens se deitavam sobre minhas costas.
Rodopiamos e nenhum vento nos tocou.
Como se nos cobríssemos de nosso amor
Esquecidos do mundo e tempo.
Deste momento mais do que perdido, extremamente fugaz.
Quanta paz.

VESPA

| 2 OUTUBRO 2015 10:48 | MÚSICA: APPLAUSE, DO WHAT U WANT – LADY GAGA
VESPA TALVEZ ANO 74, EM 83 TALVEZ. RODAMOS POR AÍ E QUERIA UMA VESPA DE NOVO.

Um dia meu namorado chegou.
Escutei.
Zuniu, zuniu.
Ele montava uma vespa laranja.
Ele falou:
Monta aí.
Partimos.

Fomos dar a volta ao mundo.
Pintamos a vespa de beije perolizado.
Abriu o porta-luvas,
tinha suco de uva, pão integral com queijo natural,
em cima da Pedra Grande estivemos.
Corremos a Monte Verde.
Estivemos na cachoeira da Leda.
Pisamos na lua.
Fomos à represa de Nazaré.
Passei cera na abelha.
Dirigi meus desejos.
E rodamos todas as ruas na contramão.
Namoramos e curtimos o mesmo walkman.
Vultinhas do domingo à tarde.
Pneus furados no observatório Mackenzie.
Mas voamos na vespa.
Em suas asas vivemos
nossos dias de verão sem preocupação.
Abaixa o cavalete e liga a torneirinha do óleo.
Levanta o banco para abastecer.
E em muitos passeios pelas estradinhas da juventude.
Vespa partiu e a vida seguiu.

Só me faz certeza das coisas mais simples e pessoais
nos acompanha e nos marca.
Relembra o que fomos e aqui estamos
mais de trinta anos
depois.

AMAVA-ME

| 18 JANEIRO 2016

Amava-me
Esperando que eu fosse pétala na palma da mão.
Amava-me,
Como se sua mão se fundisse à minha.
Amava-me,
esquecia-se de dizer,
não queria ou não sabia o que fazer.
Amava-me
Como se meus cabelos fossem mel.
Como se minha orelha fosse uma bala,

uma amora,
uma framboesa,
um sei lá o quê.
Amava-me.
Como se meus braços fossem travesseiros.
Como se meu seio fosse meia laranja cortada para se chupar.
Amava-me, como se minhas costas
fossem pirulitos de limão.
Meus dedos fossem jujubas coloridas.
Amava-me
E minhas costas deviam arranhar os céus,
rasgar os tecidos, enterrar na areia
todo o tempo mínimo de se entregar.
Amava-me e seu olhar beijava,
seu beijo implícito
tocava o rosto
como se maquiagem fosse de gelatina.
Amava-me
Tão longe, tão silêncio como uma música imaginária.
Amava-me
os filhos trouxe para me viverem².
Algumas vezes o amor implícito
era meu sofrer.
Por dias, eu não poderia decifrar enigma do
Amava-me.
Sem me conhecer.

Amava-me antes que eu pudesse.
Amava-me secretamente dentro dos nossos momentos.
Amava-me, como se faz uma fumaça desaparecer.

Amava-me.
Fortemente, mas eu lembrava do implícito
amor de pétalas perfumadas
recaídas nos meus olhos.

Amava-me.
E olhava-me dormir
como criança
desprendida de tudo e de todo tempo.

Amava-te.
Como se sua boca
tivesse sabor de vinho de cereja.

² Ele trouxe (o que?) os filhos para me viverem.

CHÁ AO AMANHECER

| 07 OUTUBRO 2015 16:36 | MÚSICA: ÁLBUM SYMPHONIA – SHILLER – SONNE, BERLIM BERLIM, RUHE ... | O CONVITE NUNCA ATENDIDO. A PAZ NUNCA FLORIDA. ESPINHOS SUBMERSOS EM INTRADERME, FOSSILIZADOS OS SABORES AMARGOS PASSADOS E PARA O FIM SILENCIADOS. O CAFÉ OU UM CHÁ PRA NINGUÉM. O CANSAÇO DO AMANHECER CHEIO DE PROMESSAS EFÊMERAS E MUITOS CALOS NOS PÉS. O DIA SORRI E TE POSSIBILITA, NÃO É ELE QUE TE PROÍBE, MAS A VIDA QUE NAVEGA EM RIOS SECOS. A MONTANHA TE ESPERA MAIS FACILMENTE DO QUE VOCÊ COM SEU SOLILÓQUIO CHÁ.

Em um dia de semana qualquer.
Um amanhecer que se prenuncia.
Gorjeios de pássaros irrompem à noite.
Pé no chão, caminho até a porta.

Visão desfocada da noite.
Esquecido Vênus contrasta o momento.

Os minutos seguem acordando as sombras de fumaça.
Dia que chega com o que na bolsa?
Eu poderia contrariar a inércia,
poderia sair por aí...
Eu poderia tomar apenas um café solidário.

No fundo, eu queria por uma mesa
bem no jardim, abaixo de uma primavera florida.
Eu iria acordar, os meus amigos rouxinóis hipnotizados nas xícaras.
Adornaria leites amornados
junto aos biscoitos amanteigados.

Para repousar no jardim de porcelana, quem eu convidaria?
Ciambella de limão ou quem sabe *strudel* de maçã?
Seria difícil saber a cor da tarde ainda tão cedo,
quando a brisa ainda nem se levantou.

Sinto o receio da névoa.
E penso nas torradas com geleia.
Só não sei se você vem ao chá ou café nesta tarde de ipê.

Eu olho o curvar das folhas da palmeira
como se as folhas alcançassem meu cabelo e minha dor.
Eu sinto que em um dia tudo pode ser possível,
só que voamos contra o vento.
Os horizontes não fogem
mas meu olhar se inclina.
Meu acordar sobe em minha direção
enquanto meu coração ainda saboreia um gole.

Era jasmim, verde ou sumiço?
Meu sorriso se esconde em mim.
Um aperto ainda manda em meu dedo
que sustenta a xícara.

O dia brilha e se ilumina em sol que
prova dos meus doces e se levanta de branco,
prometendo uma paz que eu ainda quero ter.

PREFIROLESA³ DE CREME DE BAUNILHA E DOCE DE LARANJA

| 20 NOVEMBRO 2015 | 2:13 | SILÊNCIO COM BARULHO. A TRISTEZA DO NÃO PERENE

Ainda que seja tarde
A meia-noite ainda não rompeu
A dúvida promete o brilho
Repensar ou verificar as sombras escondidas
É crucial para nos livrar do mal das máscaras
Deste teatro Kabuki

Ainda que sejam muitas palavras
Prefiro ao silêncio da morte
Silêncio da omissão e da rejeição
Sinceridades podem ser sempre conferidas no olhar
Pena que desviamos tanto, olhando o nada
que os arredores distraem

Ainda que seja sua intenção
tão mal julgada
Prefiro tê-las a passar o tempo enganando com razões vazias
Prefiro apertar as mãos sem gelo
Prefiro um sorriso vadio

³ Prefirolesa - neologismo para um doce imaginário de sfogliatelle recheado com creme de baunilha, geleia de laranja e açúcar de confeitiro para nevar de diálogo, esperança e a humildade permitir que as pessoas corram o risco de vencer seus obstáculos e se darem mais a mão. Um doce para se servir quente do forno com café da tarde, para sorrir nos olhos e pensar quanto tempo perdido duvidando da verdade e do bom coração...

Ainda que o tempo passe
Sigo com minhas queridas recordações
Certamente a mesma dor nunca pode trazer a mesma compreensão
Nas demais pessoas quando elas se fecham
Mas nem por isso eu esteja tão errada

Ainda que minha luz se apague,
Minha prece pode ser ouvida,
Meu sono não desvanece
O novo dia amanhece
Sempre é possível ver a vida, as coisas, as pessoas
Com novos olhos que se abrem neste dia, com o sentimento que há dentro destas 24 horas.

As decisões que não se atrasem quanto adiantem
Muitos sentimentos e pensamentos serão as melhores cores das lâmpadas
Há o tempo certo para pegar a romã
Mas suas folhas brotam a cada nova estação

Ainda que o melhor lhe pareça
É sempre bom pensar se este não é o pior de alguém
O melhor caminho é o momento do coração sincero e de paz.

DESEJO

| 06 NOVEMBRO 2015 15:29 | FIRMA | MÚSICA: GEBOREN UM ZU LEBEN – UNHEILIG – LIVE

Deixe seu coração falar em suas mãos
Nuvens que choram riscos de giz
Algodão rosa recortado de luzes
Beijos que não saem do rascunho

Não coloque seu amor para dormir
Ele te veste e penteia seus cabelos?
O vento que tange seu rosto com frio de ansiedade

Seu coração responde por você
Amanhã ninguém pode saber
se estaremos aqui neste quarto,
nesta sala ou em outro armário

Arco-íris de papel que se rasgam ao fim de cada tarde

O sol que se vai sem suas esperanças serem entregues no Sedex
Uma luta de esquivas, amigos distantes e o coração que vive
em constante amar

Saudades me telefonam todo dia
Falo com elas e desligo
Aquele mesmo Oi, de minhas mãos que tremem,
Nossa quanto tempo que não te vejo!
Apareça...

E no fim do dia, o sol se põe
Com as cores a cada dia renovadas
sejam na chuva, nevoeiro e raios da tempestade.
Amigos partidos
que nunca me perdoaram, furtaram minha paz
em livros nunca devolvidos.
Desenhos jogados ao mar
Desejos esquecidos no jantar
Beijos do marido em devagar
Divagar a ilusão das esperanças diluídas
Na mesma lâmpada do abajur que se apaga
ao dormir

Desejo ir
Desejo ficar
Desejo o chegar de uma carta que não seja cobrança
Desejo seu amar

BOCA

| 17 DEZEMBRO 2015 9:40 | MÚSICA: 5AM – AMBER RUN E KISSING – BLISS
TODO INATINGÍVEL, IMPOSSÍVEL, INCANSÁVEL, IMPROVÁVEL, INTOLERÁVEL E INTOCÁVEL.

A boca do medo
é aquela que me cega
sem se aproximar

A boca do medo
é aquela que quero
sem me entregar

A boca do medo
é o que me diz
O silêncio de luz apagada

A boca do medo
é a voz que me rouba

o sentido
do vestido amassado

A boca do medo
é a pintura lilás
esmaecida entre meus dedos

A boca maldita
É a que não alcanço
Com meus tejos⁴

A boca do medo
a fortaleza inexpugnável
no imaginável diálogo
de inocência

A boca do medo
é contorno de traços
do intocável
tempo inexistido

É muda
Em sombra
Desaparece nas nuvens enlouquecidas
de cabelos despenteados

A boca do medo
Cala meus beijos
aos meus filhos
logo cedo

A boca do medo
Invade a janela
do esquecimento

A boca do medo
beija a vida
que me adoece

A boca do medo
me acontece.

⁴ Tejo: Compartimentos em que se dividem as Salinas (nesse sentido no texto)
ou jogo em que se atiram moedas a uma faca espetada no chão

MERGULHO CEGO

| 29 OUTUBRO 2015 16:22 | MÚSICA: LOVE IS NOISE – THE VERVE | CHIBATADAS.

De repente, estou com medo de meu coração arrebentar.
E por quê?
Sei lá, entende?
Topada no pé. Unha arruinada.
Vida que segue tumultuada.
Os casacos que caem do armário.
Todo pó que junta em cima da minha mesa.
O café que acabou.
O xingo da vizinha.
Sono acordado na madrugada.
Relógio parado.
Sorriso amarelo e telefones emudecidos.
De repente, minha vida não fez sentido algum,
se não fossem as exceções... Ah, que bom que conheci esta palavra.
Ela foi salvadora nos meus momentos negros e torpes de dor.
As borboletas que passam dirigindo na rua.
Foram várias. Elas estavam na mão do ar, sem olhar pra trás.
Estacionamento vazio e eu oculta exclusiva dentro do capacete.
Blusa que molha.
Dentes doídos, alma esfaqueada.
Debruço no mesmo abismo de distâncias.
Caminho nas estradas, nas trilhas da montanha.
Só mesmo não vou lá aonde estou contando que estive.
A covarde sensação da minha própria inutilidade
servindo os cafés da minha realidade.
O avô não passou com a criança,
a mulher gritou tudo pra outra,
Cadê o silêncio da sua saliva que não vem?

Corro sem conseguir.
Consigo que minha sombra venha me seguir.
Às vésperas de tudo, me perco nas horas.
Nem pedalo mais, tudo me dói,
principalmente meus irmãos,
e todos os ninguéns.
Então, a vida se prende no vão dos meus dentes.
Todas as inflamações persistem mais que minha burra teimosia.
Onde estarei?

Começo a achar que aquele lugar de caverna é o que me cabe.
Começo a fumar a fumaça de desgraça
O ar faltou, será que foi por falta de pagamento?
E se? E se?
Você vê. A TV.
Você desaparece, e ninguém aparece para te buscar.
Encontro o cara que nunca me lembro o nome.
E todas as sensações vestem minhas roupas e fogem.
Meus arranhões parecem mais que escaras, são tatuagens
sem desenhos, sem desejos, absortas e insignificantes.
Quem? Quem? Quem?
Nunca aparece ninguém.

Somos só eu e você. Segura minha mão,

Tenho medo.
Medo que meu coração seja dragado nesse buraco negro.
Perdi minhas coisas, não acho meus escritos,
esqueço as palavras.
Minha visão está indo para lá também.
Então não me diga, amém.

LÁBIOS

LÁBIO COR DE AMORA

| 03 JANEIRO 2016 | 12:30 | ENTRELAÇAMENTO DE TEXTOS, PALAVRAS, SUBSTITUIÇÃO DE PARTE DAS PALAVRAS E ENTRE LINHAS
CRUZAMENTO DE DUAS FRASES DISTINTAS. MAR- MARA- AMAR, CALOR-AMOR, ÁGUA-SALIVA, AMOR-AMAR ...

Lábio cor de amora
Espuma de *champagne* de mar
Ressinto as pontas de fios de cabelo
Os meus dedos tocam felicidades
Pela manhã me sento a olhar Estrelícia
Sorrio o voar dos bem-te-vis
mesmo eles, se exasperam tentando salvar o ninho.
Primavera se derrama
Grama crescida da ausência
Calor derramado nos pés d'água.
Vem um depois, a acinzentar meu coração.
Águas dos lábios se derramam orvalhadas.
O infante amado dentro de minhas mãos cálidas.
Calculo cifras e guardo mistérios.
Prefiro meus pés descalços sob corpo,
meus olhos nus e sua ausência vestindo penumbra.
Sigo meus desejos desalinhados
nos momentos possíveis e calmos,
no nosso próprio mar revoltado dos lençóis.
Amanheço com meu amor
E permaneço (sem o amor) com minha dor.

LÁBIO DE CHAMPAGNE

| 03 JANEIRO 2016 | 13:00 | A "DECRIPTA" PARCIAL DE UM NOVO ENTRELAÇAMENTO DAS PALAVRAS IGUAIS OU SIMILARES, O QUE ERAM
ALGUMAS FRASES OCULTAS SE TORNARAM O NOVO PROFERIR DOS LÁBIOS.

Lábio de *champagne*
de amor de Mara.
Ressinto os dedos que tocam
as pontas dos fios de cabelo.
Idade da manhã, eu sinto o seu olhar...
Sorrio o que exaspera tentando salvar o ninho de bem-te-vis.
A grama se derrama,
a primavera crescida em sua ausência,
vem um derramado acinzentar,
o calor de um depois
de meu coração de pés d'água.
O infante se derrama orvalhado,

nas águas dos lábios amados
em minhas mãos cálidas.
Calculo cifras em meus pés e guardo mistérios sob meus olhos.
Prefiro meu seu corpo nu e descalço,
à ausência dos seus olhos vestidos de penumbra.
Sigo nos momentos desalinhados e calmos
meus desejos possíveis do amar revoltado dos lençóis.
Amanheço com meu próprio amor
E permanço na dor sem seu mar.

Visível

| 05 JANEIRO 2016 16:58 (VISÍVEL) | MÚSICAS: BIRDS, A HEAD FULL OF DREAMS, HYMN FOR THE WEEKEND, ADVENTURE OF A LIFETIME, A SKY FULL OF STARS E ARMY OF ONE – COLDPLAY. | CONTRAPONTO AO INVISÍVEL (LIVRO FLORESTA DOS DIZERES) TRADUZ UMA NOVA VISÃO DE AGORA DO CORAÇÃO E EXPLOSÃO.

Em seus olhos repousa o pássaro que voou todos os continentes.
Imensidão? Maldade?
Indiscreto sentir no tocar dos dedos indicadores,
Arrepiava-se em sensações nunca sentidas.
Há diversos amores dentro de si, como não se pode aceitar?
O que a visão pode trazer do misterioso fantasmagórico sentimento?
Discutíveis questões tão simples de serem resolvidas,
que não se pode sem a visão pessoal.
Quantas são as perguntas esquecidas?
O significado se materializará nas nuvens, brilhos, cores e nas palavras nascidas como filhas.
O amor não basta dizer amor.
Olha o campo verde, trepidantes flores de mato se agitam ao vento, por assim dizendo o reflorescer
da visão que não se cega à minha.
Visível é a mão que te entende.
Visível é a mão que te sente,
tanto quanto profunda sua dor,
e tão linda a vida.

De nosso olhar formam rios de lavas, que choram palavras lidas, recebidas, inexatas e amigas.
Da visível visão se delineia rostos amenos, na percepção sentida no tocar.
O que se recebe do seu coração, enfim desenha sorrir e lágrimas, doma sua alma de amar, rodopia,
esvoaça, evapora, forma cordilheira que estremece a terra. Visível o que acordado está a tocar seu
coração, como se fosse vulcão, mas espera o momento de sua vazão, resiste e vive de sua paixão.
Digo a mim mesma para caminhar, aonde ir, se o visível me aquece à noite, quando sonho e saio de
mim mesma, vejo eu mesma nos romances esquecidos, como um observador onipresente.
O visível está desembestado na paisagem do sol dourado, seu mordomo é um anjo barbeado e bom,
a aninhar sua mão, suas cores, suas dores e adentrar a porta dos relâmpagos acesos ou apagados.
Dentro de raios é um orgasmo ao vento, tecidos que se tocam, chovem beijos prateados.
Visível o permitir
Visível o calor
Visível seu rosto é o prazer para mim.
Tudo está adiante do tempo das vontades geladas em minha língua.
Amores calados ao dia, ao permiti-lo após meio-dia; nasce do visível dizer dos seus corações.
Eles se devoram em maçãs.
Visível o voar dos filhotes de tiziu, fustigado do calor.
No limiar da verdade e adormecer da ilusão por um instante os amores recém-nascidos tomam seus
bicos a encontrar.
Visível seus ninhos persistem.
Eu vi e eu vi. Sei muito bem o que senti.
Perceptíveis somos agora, os nós.
Laços e laços de lenços. Após o amor dos amantes, seus braços se encontram, envoltos os olhos
mirados para o oposto de cada um, enevoa o fumar. Na solidão, olho meus olhos que se entediam de
sua reflexão.
Ainda consigo. Visível estou.
Visível é meu toque.
Visível é o ardor de amar além do existir.

Visível é reunir, encontrar, degustar, compreender,
múltiplos amores.
Visível aflorar rubra rosa no
visível amar.



[Illustratio 3]

AMAVA-te

| 28 JANEIRO 2016 12:19 | MÚSICA: EINER VON MILLIONEN –
UNHEILIG - MTV UM PLUGGED | CONTRAPONTO AO TEXTO
AMAVA-ME

Amava-te

Não esperando que fosse nada
Amava-te
Apenas com um olhar
Amava-te
Não sabia o que era
negava e nem cogitava descobrir
Amava-te
Como se o dia não tivesse fim
Como se o sorriso pudesse me sorrir
Amava-te
Como se fosse um aroma
um bolo
uma bala de leite
um Rivadávia⁵ com glacê
Amava-te
Como se nunca pudesse tecer
Como se os dedos pudessem passear
todo o relevo com delicadeza de um desenhar
Amava-te
Nos pensamentos a te ter
e teu rosto era liso
e eu pudesse me perder nas almofadas de seda
Amava-te
E podia voar os céus
nos perfumes pintados em abstrato
O tempo se vestia em nuvens rosadas de fim de tarde
As mãos podiam encontrar
todas as sensações traduzidas do olhar
Amava-te
Ao abraço se entregava
fugia ao todo explícito
Trazia a vida a nos viver
Eu podia saber no final
do último instante ao deitar
como seria a respiração acalmada

⁵ Refere-se ao bolo rivadávia, bolo com recheio de doce de leite em homenagem à Bernardino Rivadávia, presidente argentino 1826, também conhecido como bolo Três Alices.

Nem sempre eu podia
entender nosso conviver
nessa vida tão desencontrada
Amava-te
Sem poder
Sem mais conter
Amava-te
De todas as formas que eu pudesse
e nos outonos e primaveras
Amava-te
Não queria mais sentir
Não queria o risco de sofrer
Mas a luz da juventude nos recordava
Amava-te
Como antes ou ainda mais
Sofrimentos tatuados nas costas
em forma de rosas e espinhos
Porque
Amava-me
Sem que acabasse

DIÁLOGO INTERNO

| 23 SETEMBRO 2015 10:49 | MÚSICA: HALT MICH – UNHEILIG | UM LONGO PERÍODO DE SE RECOMPOR EM SI. POR FIM SONHEI. NESTE SONHO EU GRAVAVA UMA MENSAGEM SONORA, UMA MENSAGEM POSITIVA DE NATAL, QUE EU PODIA ENTREGAR. ERA COMO OUVIR A VOZ NO SONHO, UMA RESPOSTA TÍMIDA, MAS POSITIVA. ME FEZ PENSAR POR DIAS. INVERSO.

Por tantas vezes, eu me dizia algo e as respostas sempre vieram.
Toda essa interlocução me levou em redemoinhos de vento.
Vento forte. Içou-me até as nuvens navegantes,
em seus lençóis repousei.
Os seus braços eram veleiros, o rugir era o quebra-mar.
Não encontrei respostas e dúzias de perguntas de resposta muda se avolumaram
em tempestade noturna.
Como foi difícil escorregar sem ter mais sua mão para segurar.

Eu procurei vozes, mas eram estátuas.
E eu surda.
Por mais que o incompreensível viver me agasalhou na chuva fria,
eu nunca me senti por tantos dias desesperadores tão só.
Só estava insensível ao meu redor. Era apenas isso.

Sentir tão veementemente nos traz ferimentos mortais,
é preciso ser pirata intrépido,
ardil que escala todos os mastros descalço,
sem se importar com sua cicatriz sangrante.

Visualiza os horizontes nas borrascas,
e se ilumina do olho mais aberto de esperança.

Tantas coisas que me disse, me chorei. Me sangrei.
Neste tempo louco, os ventos brisam.
Calor que nos enfraquece, também nos abranda.
Embora eu não pudesse ver mar, ver montanha, a luz da noite conversava
em minhas insônias ou sonhos que jamais aconteciam.
Eu até queria falar em sonho e ter respostas.
Não. Não. Eram sonhos ruins sem final, de eterna procura.
Parei de sonhar. Abracei minha gatinha. Acordei e senti de novo o dia dentro de mim.
Sim, não é o tempo.
É que você força seu coração parar de bater na porta da memória por um tempo.
Assim dói menos e sorrir é um potente abraço. Desses que damos ao mesmo tempo em um monte de gente.

Tem que mudar suas conversas dentro de si, mudar de rumo,
fazer projetos de tomar um café com você mesma,
de cuidar de outra pessoa sem pretensão de nada.
Amor sempre vem sem ser convidado.
A vida segue.
A vida não se resume, não se encerra, e com perdas você se obriga a pensar mais longe.

SINTO-ME ESTRANHA

| 03 FEVEREIRO 2009 23:58 | REFERE-SE AO TEXTO DO LIVRO FLORESTA DOS DIZERES, QUE CONTÉM CARACTERES PARA O TORNAR INDECIFRÁVEL E A MENTE LER ASSIM MESMO. O TEXTO É UMA ALUSÃO À UM OUTRO TEXTO SIMILAR.

Sinto-me Estranha
a esperar no momento
um melhor amigo.
Síncope estranha
em estranho no ninho.
Oh! Insensatos corações,
enfurnados em uma casa de sapê.
Sinto-me Estranha
tanto quanto era o espanto
experimentava fios de ovos.
Sinto-me insana.

Sem nada. Desordem.
Enquanto os amigos especiais
são afetuosos o quanto necessitais.
Os cristais que se
estilhaçam suavemente.
São sarcófagos
todos os conflitos que se esqueceram do dia santo,

daqueles que não amam de verdade.
Sinto-me estranha com desferidos olhos e
criados os artefatos da reprimenda.
Ah! Olhe direito através das janelonas e suas eternas palavras ocas.
Índole estranha,
a olhar as avarias que despercebidas
são todas indícios das borrascas de outono.
Mas orei onde a luz incandesce em incidência
sobre as falsas e idiossincrasias dormentes dos humanos que somos.

Insana improbidade
do som cítrico do escárnio.
Oh! Guardai-nos das covardias e absurdos.
Entendei-nos
Como coisa e
propriedade vossa alheia.
Amém.

OLHOS QUE SE

| | | DEZEMBRO 2015 23:15

Olhos que se beijam
É algo que grita silenciosamente, dentro da minha garganta.
Sangra meus olhos.
Adormece no prelúdio de seu colo.
E durante o sono açoita minha vida.
Em madrugada de névoa elucida um quebra-cabeça de peças perdidas.
O despir dos olhos escuros nos brilhos perdidos em um dia que vem para me machucar, como se a música em
seus movimentos aos poucos revelasse tudo para que tanto me ceguei.
Não há recomeçar. Não passa de um dia onde muito pouco se resolveu.
E o desejo vem à noite a me desafiar.
Percebo que não há amanhãs, nem os *nuncas* serão silenciados.
Onde se esvaiu a miragem?
Por que tanto medo do olho no olho?
Isto pareço instintivamente saber.
Onde a contensão irá se romper?
Achava que eram dois olhares. Descubro finalmente o terceiro?
Recuso-me ao meu martírio e ledão engano.
Não adiantou esconder em si, um dia um fato acerta a picareta e tudo aflora em nascente.
O que era vertente verdade.

DE VERDADE

| 04 DEZEMBRO 2015 | 6:38

De verdade, é difícil de dizer.

As palavras não são um passeio. Creio que quanto mais as busco, vou perdendo a derme enquanto rastejo nesta busca em mim mesma.

E não encontro o gosto de esperança. Paira um pássaro suspenso no ar sobre minhas vontades. Lembro-me todo o meu renascimento, mas não consigo essa elevação.

Resta sempre uma sensação vazia, da espera vazia, do olhar perdido.

Em qual janela vou me recostar para olhar infinitos que não me pertencem?

Toda infância neste vazio, olhando pela janela esperando quem nunca vinha.

Já nem sei onde estou.

Sei que sigo morrendo.

O tempo e suas crueldades, enquanto me embriago nos amores, momentos efêmeros, meus queridos que já estão neste mar voraz.

Minhas mãos nada podem.

Meu gosto impregna o amargo de mim mesma.

Andei tão lentamente que as ruas não faziam mão, sem mais vontade de resolver nada.

Só queria um sono tranquilo de ontem.

Queria quase nada que possa comprar, porque nem posso.

Mas, é estranha esta vida, que vive me revelando truques e eu só percebo depois, que ainda me encontro no mesmo fosso.

Respirei fundo com a tempestade se aproximando. O que esta chuva me dirá?

O dia amanhecerá úmido e ainda estarei amassando meus pães.

Em dia de fazer tarteletes é preciso expiar qualquer tristeza, então pedi a Deus que me ajudasse a chorar uma última vez. Amanhã, fazer os tarteletes de minha mãe e ela me visitará em alma para continuar a vida suportando dor e perdas.

Farei as coisas contando minhas piadas, tomando um trago e antes que termine o dia e minhas costas estejam agoitadas estarei me preparando para as perdas iminentes do próximo ano.

Espero tomar um chá calmo às cinco da tarde, esquecer-me de janelas e vazios, tomar o chá quente e continuar a respirar calmamente dentro da minha visão iludida que ainda estou aqui firme.

LONGÍNQUO

| 18 JANEIRO 2016 (NOITE EM CASA) | APÓS O BANHO, NENHUMA PALAVRA FOI COMO ANTES. PENSEI O TEXTO, COM MEU CORPO NA ÁGUA MORNIA, SENTINDO O NAUFRAGADO NO LONGÍNQUO.

Era de bem longe

onde havia

uma represa de ilusões.

Margeado ao longo de morros verdes.

Árvores espreitavam silenciosamente.
De noite seus sonhos de emoções
avolumavam os riachos
aninhados no colo da montanha mãe.
Seu navegar era simulacro
de galgar enormes paredões.
O vislumbrar do desejo infinito
mas do oceano,
do longínquo
navegar das libertações.
Mar verdadeiro de ondas brilhantes,
luzes e brilhos,
de farfalhar incessante dos corações.

Oceano de ilusões,
à noite a engolir os navegantes
desprovidos do sonhar das imaginações.
Grandes barcos atravessam sua furiosa força calma,
saboreiam salinas transpiradas
de espumas salivadas de seus amores.
Rochedos sólidos agredidos
da liberdade disponível em sua frente,
se limitam a ser despercebidamente
feridos com seu 'constantemente'.
O longínquo
é tão sedutor,
seus olhos noturnos
projetam sombras de brilhos
e prometem a liberdade
das constelações
no próximo desenho de alvorecer.
O longínquo
no final da tarde,
engole o sol como se fosse hóstia
encobre toda sua ilusão
de transpassar
a distância infindável do procurar.
Aqueles brilhos dançando e soando aos ouvidos

as salivas engolidas a seco.
Tudo ali que sua mão toca
não poderá saciar sua sede.
Seu corpo já ressequido
devorado pelas últimas chamas do sol
se arremetem à sua falta de coragem.
Seu pequeno barco está estacado
à margem daquela represa de ilusões,
reprimida como um bebê aninhado no colo da montanha
que o circunda acidentalmente
naquele interior de lugares
e vilarejos com pastos e plantações,
distantes e bem distantes
do navegar livre tempestuoso
dos oceanos apaixonantes.

Silêncio

| 11 JANEIRO 2016 | 14:21.

No silêncio quero mergulhar
grotões de água a correrem pelos braços
Silêncio sem menção,
entardecer quieta a imensidão de pássaros
e meus pulsares no coração.
O silêncio está na primeira estrela
e no recostar da cadeira.
Meu calar afetuoso a emanar as cores
nascidas nas asas da borboleta.
Ela vem pousar meus lábios sentidos
dos silêncios das contidas chuvas
e dos granizos derramados aos outros lugares.
O silêncio vem me deitar,
ainda não me conta dos amares,
dos outros mares e de suas vozes infinitas
do olhar perdido no vento.
No meu silencioso jantar,
enxergo desenhos ao prato.
Na montanha de coisas que as pessoas vão despejando,

faço caça-palavras que gostaria de escutar.
Meu coração envolto em um cristalizar de quartzo,
está a ser quebrado
para todas aquelas espadas de vidro
refletirem no spray de névoa
as cores do espectro oculto.
No silêncio do meu olho,
A pupila é um café afeto, marrom translúcido.
Morno aquecido.
Esquecido de afagar.

No meu sorrir profundo
Existe um amar profundo impecável como pintura de afrescos
Do lumiar de vaga-lumes verdes.
Silêncio solidifica solidão.
Sentimentos se transbordam do olhar
cristalizam sais abismais.

AMOR

| 28 JANEIRO 2016 | 2H EM PONTO | LOCUS – FIRMA | MÚSICA – ARMY OF ONE – COLDPLAY.

Amor
Indecifra minha vida
Indecisa minha fita
Incessante abundante coração
Interessante o vício de sentir
Inviável o momento de existir
Infinito o amor que me fragmenta

Pedaços estilhaços esperanças

Amor
Inconfunde meu sentir
Imperceptível se avoluma torrencial
Insensato no ato
Inverídico como o que é etéreo
Imenso como o senso de tocar
Inverso como lados opostos
Amor
Inferniza minha vida

INVERSO

| 02 JANEIRO 2013 | VONTADE DE INSPIRAR E EXPIRAR, RESPIRAR O ANDAR DO SOL QUE INICIA ESTE ANO.

Quão intenso é o mundo imenso
Vento que carrega a fumaça do incenso
Meu senso que se obstina no extenso exato prático
Não me isento do destino inexato mas simpático

Quão intenso é o vento inverso
Insensato que se carrega do imenso

Tenso,
que se vitima do senso prático

Não assento minha vida neste lugar lunático
que imenso é o reverso do mundo

Penso,
que se extingue na queima do incenso

Extenso horizonte que se destina enfático
Verso a vida
desse destino errático.

POR AGORA

| 28 AGOSTO 2015 | 11:30 | LOCUS: LAGO, MORRÃO E RUAS. MÚSICA: M83 - OBLIVION E RADIATION ZONE, MUNFORD AND SONS - SIGH NO MORE, LITTLE LION MAN | LEMBRANÇAS QUE COLHI, DAS OUTRAS QUE PERDI. GUARDANDO AS PEDRAS NAS GAVETAS. VENCENDO A ASMA E FALTA DE TUDO NO AR LIVRE.

Uma brisa de friagem ainda cortava os ventos do meu pensamento. Eu desci da moto com o cabelo ainda revoltado, sem muitas palavras na saliva, concentrada em me sentir livre.

O sol depositou uma purpurina dourada sobre os contornos do meu rosto, como se em um soprar, levantassem ventos poeirentos do horizonte de uma duna.

A música eu aumentava, mas o farfalhar gargalhava. As folhas caídas ora saíam correndo para adiante e paravam. Novamente saíam rolando novamente para o lado, como coreografias de rajadas e grupo de desvairados que erguem os braços a saudar não sei o quê.

Correndo eu poderia vencer meus demônios do amanhecer, tentando saltar aquelas erosões cheias de pedrinhas encravadas. Correndo eu fui sonhando com as palavras que escreviam na minha pupila como cotações em cor âmbar dos preços dos meus tropeços que passavam.

Inspira o chiado da voz calada, exala a respiração falhada com a secura orvalhada.

Os cheiros do mato se aproximaram como aromas que se levantam da comida que vai ao fogo, os temperos do sol começam a tostar as peles rosadas que correm transpirantes.

As ervas, as folhas caídas com a chuva pesada, as folhas pisadas como uva que faz vinho, folhas ressequidas e quebradas, gravetos umedecidos de cocô de passarinho, perfumes exalados em suor, restos de lanches e como uma maresia ainda exalava o lago e seus peixes. O lago fazia nata de pérola poluída nos cantos, exalando o mato macerado, exalando as garças encolhidas nos seus frios dias de preguiça.

Eu passei a andar, colocar meus pensamentos na ordem de uma calma de respiração, as amoras estavam caídas do pé, maduras como a primavera que se aproxima sem pedir perdão.

Poeira que acumulava em prainhas nas curvas de enxurradas acabadas. A subida mostrava as árvores dançando pendendo deste para aquele lado, acenando sorridentes com seu suor de musgo, e no final da rua, mais animado estava o bloco Bambuzal mas eu não comprara seu abadá para poder dançar junto deles. Estavam em todos os tons verde ao amarelo de todos nós brasileiros, caminhantes. Queria ir lá.

Eu amanheci caminhante, para nunca voltar de onde vim. Para não esquecer os gostos e rostos, mas seguir por todos esses lugares sem paragens.

As infinitas possibilidades dos cheiros das flores, das primaveras violetas, e as árvores cortadas ...

A subida acaba, sem um olhar ameno, sem um rosto conhecido, sem um bom dia, mas eu não desisti de lhes tentar.

O aroma do café, do chocolate, aquele pão com manteiga quentinho, me faziam piada e eu na escada queria acenar para o vento, segurar sua mão e sem me aborrecer nunca mais, voar e ser a névoa que acoberta a montanha, a pedra e todos os meus próprios horizontes.

O entreter do tempo, nem mesmo o vento frio, pode suplantar a espada do sol. Ele veio e aflorou meu sangue às bochechas, orvalho se guarda em meu piscar, e o castanho olhar se perde na impossibilidade do agora.

Eu mesma.

Não encontro duas de mim mesma, nem mesmo em mesma hora, mesmo lugar, mesma hora, porque não nos vemos, não nos entendemos e a única coisa que ainda sei, sei que sou eu mesma. Cheia de defeitos, de repetições, de teimosia errante, de palavras que não são totalmente capazes de satisfazer minha necessidade de expressão, e sangro pensamentos e sentimentos por cada poro, divago no vago, estranho o lago, flutuo no muro, ecoo minha dúvida e minha questão. E estou aqui tentando, quando a vida já não me provém tanta esperança, tanta fartura, mas os dias e o tempo sim. Neles eu me esguio, me atiro, navego e colho as melhores amoras, as melhores ameixas.

Os espinhos eu carrego assim mesmo nos pés, nos calos, nas rugosidades e retiro-os no nascer do dia de amanhã. Sou sempre eu, com tantas alterações, estranhezas, *intranhezas* e sonhos nesse caminhar da vida.

E eu, estou acolhendo cada um que me lê, com o amor mais impossível e desenhado no vácuo do hiato do tempo, como se eu pudesse abraçar com a melhor Mara que eu tivesse na caixa de costuras. Assim sendo, algo de alguém também transcorrerá este universo em verso como um pequeno tocar.

ILLUSTRATIO

Ilustrações todas de ©Mara Romaro 2018
Todos os direitos são reservados

[Illustratio 1] Lago São Fernando

20180705 L006 Lago S. Fernando M A4 [L006_img_1333_capa.jpg]. – Preliminar I

Layout Capa Editorial online: por Luis Henrique R. Romaro [L006_CadNasc_CapaEdt]*

Aquarela W&N em Canson Aquarelle e caneta nanquim.

*utilizada nesta versão

ILUSTRAÇÕES CAPITULARES:

[Illustratio 2] Vastidão do Mar

2005 L006 Sorveteiro Vastidão do Mar MA5 A. [IMG_0328] **

Aquarela pequena feita na praia, Maireri, em Filiart e nanquim em Ubatuba, mesma época dos anjos em nanquim.

Imagem de alta resolução em fotografia Canon.

[Illustratio 3] Rosto branco

20190523 L000 F em branco e filetes FA5 O [P IMG_3189 lph – luz pela esquerda]

Esboço do rosto branco em filetes sobre pequenos tons azuis dos traços do rosto, ligado ao desenho rosto alizarina.

**Fotos de definição por GiovannaRomaroFotografia.

PELA AUTORA

Este é meu sexto livro, no entanto, o terceiro livro de poemas e textos livres. Meu caderno mais importante, que reuni ideias, rabiscos, textos, nomes de personagens, esboços, que eu houvera chamado de Caderno das Nascentes e Vertentes. Era um pouco como o livreto das árvores e folhas secas, tinha alguns textos estenográficos e paródias de outros meus textos, mas basicamente era um caderno verde de ideias. Como gosto tanto deste caderno, resolvi dar este nome nesta coletânea de textos que têm em sua origem quase todos um mesmo pulsar, uma motivação de uma época que foi intensa para mim no segundo semestre de 2015. Há referência a textos do livro Floresta dos Dizeres e tem mais do mesmo de mim. Há um texto que modifiquei do original para dar um sentido inexato.

©MARA ROMARO

Todos os direitos são reservados e registrados

Contribua financeiramente com minha literatura

mcromaro@gmail.com | <https://mararomaro.wordpress.com/>

Devido à pandemia e motivos extraordinários, desculpem-me falhas.

Escrito de janeiro – 2013 a janeiro 2016

V0 – 02 dezembro 2021 – R08 – Publicação de meus 55 anos